

Possessivos são os que determinam a pessoa grammatical a que pertencem ou concernem os objectos: *meu, teu, seu, nosso, vosso, seu (delle), seu (d'elles)*.

O sentido mais ou menos lato da *posse* ou idéa equivalente, nem sempre pôde ser indicado pelo possessivo. Não se poderia dizer *meu traidor* (como no antigo francez *mon traïtor*), podendo-se todavia dizer: *meu amigo, seu assassino, novas suas, ao meu encontro*.

O pronome *seu* é tanto do singular, como do plural; e assim o era no latim; os francezes tem *son* e *leur*; os italianos *suo* e *loro*, cada um para cada numero. E' provavel que o portuguez archaico possuísse a fórma *lures*, que existiu no castelhano antigo.

No portuguez antigo os possessivos não pronominaes tinham as fórmas contraídas quando pretonicos ou antepostos. Ex.: *ma senhor, senhor minha* (minha senhora). A palavra *senhor* era naquelle tempo commum de dous generos. Exemplos taes occorrem nos antigos cancioneiros.

Os adjectivos *gentilicos* ou *proprios* são uma especie de *possessivos* e exprimem a nacionalidade de pessoas e cousas: *brasileiro, do Brasil; francez, de França*.

Os nomes *gentilicos* offerecem algumas particularidades dignas de nota. Alguns têm fórmas duplas distinctamente (mas nem sempre) para pessoas e para cousas: *goão* (pessoa), *gothico* (cousa); *scita, scitico*; *inglez e anglo*; *ibero, ibérico e espanhol*, etc. Os nomes de lingua ora tomam uma ou outra fórma: *o inglez, o allemão, o arabe* (e raro *o arabico*), *o latim* e não *o latino*, *o romance* e não *o romano*, *o persa* e raro *o persico*. No emtanto diz-se *o hebraico* e *o hebreu*, *o germanico*, *o syriaco*, *o ceitico*, etc.

Tambem entre nós observamos talvez essas distincções: *bahiano* (pessoa), *bahiense* (cousa); *sergipano* (pessoa), *ser-*

gipense (cousa); *alagoano* (pessoa), *alagoense* (cousa) nas sem rigor. O escriptor Varnhagem insurgiu-se contra o nome *brasileiro* cujo suffixo é antes de nome de officio do que gentilico; em verdade *brasileiro* era a principio o que extraía o *brasil*, como analogamente se diz hoje do *seringueiro* do Amazonas. Todavia a expressão *brasiliano* não foi adoptada e a de *brasilico* parece referir-se a cousas do indigena ou da natureza.

Muitos dos gentilicos são formados de radicaes latinos: *braccarense* (de Braga), *fluminense* (Rio), *hispalense* (Sevilha), *genuense* (Genova), *eborensis* (Evora e York), *gaulez* do antigo *Gaula*, *mancheço* (Mancha espanhola).

Demonstrativos são os que determinam e *apontam* o lugar dos objectos no espaço, no tempo e no discurso: *este, esse, aquelle; isso, isto, aquillo*.

E' de notar que o genero neutro foi determinado por uma flexão interna, (*umlant*), por mudança de letra na raiz do vocabulo: *isto, aquillo* (ant. *esto, aquelle*). O mesmo aconteceu com o indefinido *tudo, de todo*. As fórmulas neutras não se acompanham do substantivo. Tambem a variação do genero altera a vogal do masculino: *êste, ésta; aquêlle, aquêlla*.

Relativos são os que se referem a nome ou pronome, que é determinado ou qualificado pela proposição: "Eu que sou criança. A gloria de Deus a qual não se pôde escurecer", etc.

São relativos *que, qual, quem*. Tambem se chamam *conjunctivos*.

Vê-se, pois, que o *relativo* substitue o nome e ao mesmo tempo faz as vezes de conjuncção, ligando o nome determinado com a proposição determinante que se segue. Por isso, pôde tambem ser denominado *nome conjunctivo*. A palavra ou phrase a que se refere o relativo, chama-se *antecedente*. Nos exemplos citados são antecedentes *eu* e a *gloria*.

Interrogativos são os que exprimem indefinidamente os objectos, como indagando a sua indi-

vidualidade ou natureza: *que? que homem? quem? qual?*

São interrogativos *que, qual, quem*.

Articulares são os que acompanham os nomes, como indicando genero ou especie: *O homem; um leão*.

Praticamente assignalam o genero e o numero dos nomes.

Em geral, são chamados *artigos*. E neste caso dividem-se em:

Artigo definido — o que designa classe, especie ou individuo: *O homem, os ánímaes, as mulheres, os dias*.

Indefinido. — E' o artigo *um, uma, uns e umas* que expressam sem indicação de numero qualquer coisa ou pessoa: *um cidadão, uma casa*.

Do artigo definido a antiga fórma *lo, la, los, las*, ainda subsiste em vestígios: *amá-lo, eu vo-lo digo, etc*.

Conviria ajuntar o *partitivo*: —*do, da, dos, das* (Beba do leite) de que falaremos na syntaxe, no lugar proprio.

Os quantitativos são INDEFINIDOS OU POSITIVOS (numeraes). **Indefinidos** são os que dão aos nomes uma determinação vaga, sem indicar o numero certo ou a qualidade: *muitos, poucos, diversos, diferentes, varios, alguns, algo, tantos, quantos, quaes, todos, cada, nenhum, uns, outros, restantes, os mais, mais, menos*.

E' digno de nota que *qualificativos*, por translação de sentido e de uso, passam a indefinidos: *diversos, varios, etc*.

Qual só é indefinido quando significa algum: "*qual se levantou, qual ficou deitado*". *Algum e nenhum*, quando tomam as variações *alguem, ninguém*, que só se referem a pes-

soas. *Cada* póde determinar unidade ou collecção indeterminada.

Note-se que *quem* póde referir-se a cousas:

Co' um delgado sendal as partes cobre
De *quem* vergonha é natural reparo

(*Lus. II*, 37).

E' uso que se vae tornado raro.

Os indefinidos *cada*, *qualquer*, *alguns*, *poucos*, *muitos*, têm sido chamados *partitivos* ou *distributivos*. *Todo e nenhum* têm sido denominados *absolutos* ou *universaes*.

— Existiu o partitivo *delles*, desde a antiga lingua, como se vê de um documento do seculo XIV:

“Saem todos juntamente, *deles* em magotes e *deles* em aazes longas e *deles* em aazes coinha...”

L. de linh. do Coll. dos Nobres
(*Port. Mon. Hist. I.*)

O partitivo *delles* ainda abunda nos auctores classicos e é usado por Barros:

Acompanhado de 200 homens de pé, *delles* para levarem o fato dos nossos e *delles* que serviam de espada”.

BARROS, I—IV—8.

O mesmo se dirá de *qual* em certos usos, como o de Camões, nos *Lusiadas*:

Qual do cavallo voa, que não desce,
Qual co cavallo em terra dando, geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas
Qual cos pennachos do elmo açouta as ancas.

VI—64.

Numeraes são os que indicam o numero, determinando a quantidade exacta: *um*, *tres*, *milesimo*.

Dividem-se em *ordinaes* e *cardeaes*.

Cardeaes são os que indicam o numero de unidades: 1, um; 2, dois; 25, vinte e cinco; 3412, tres mil quatrocentos e doze.

Os numeros na escripta podem ser representados por palavras ou por symbolos, algarismos ou letras romanas: 5 e V, cinco e quinto.

Na composição dos numeros ligam-se os elementos dos compostos com a palavra *e*: *mil novecentos e um*; *cento e noventa*, *mil e uma noites*.

Bilhão designa *mil milhões* (e não milhão de milhão).

Muitos dos numeræes são antes substantivos: *cento*, *mil*, *milhão*.

Ordinaes são os que exprimem o numero conforme a ordem das cousas: *primeiro*, *vigesimo*, etc.

Os ordinaes tambem exprimem a fracção: *o centesimo*, *a decima oitava parte*; e podem ser substantivos.

Na sciencia mathematica adoptou-se na leitura das fracções o suffixo *avos*, do termo *oitavo*, para designar o divisor de 11 para cima: *quiz'avos*. Conservaram-se dos numeros ditos as denominações usuaes: *meio*, *terço*, *quarto*, *quinto*, etc.

Convém notar que os *cardeaes*, algumas vezes, sobretudo nos numeros altos, substituem com bom uso os ordinaes: Luiz *dezoito*, seculo *dezenove*, pagina *vinte e cinco*, capitulo *vinte e um*.

Entre os ordinaes existem series diversas de derivação:

A. — Com o suffixo *eiro* (*arius*):

Primeiro *Milheiro* (subst.)
Terceiro

B. — Com a fôrma latina pura:

Segundo *Terço* (subst.)
Quarto *Primo* (subst.)
Quinto
Sexto
Setimo, etc.

Note-se que o vocabulo *terço* é adjectivo hoje só na fôrma feminina; diz-se a *terça parte*, mas não *terço* quinhão e

térço lugar, e sim o *terceiro lugar*. Diz-se: *terço estado* (*tiers-état*) por imitação do francez.

C. — Com o suffixo *esimo* (o *s* d'esta terminação sôa como *ss*):

Vigesimo
Trigesimo
Centesimo

Todas estas fórmãs foram criadas sobre o modelo de *decimo* (*decimus*); cf. *dizimo*, *sesmaria*, *quaresma*.

D. — Com o suffixo *ão* ou *ã*, do latim *anus*. Os exemplos são raros na lingua actual e persistem em algumas expressões: febre *terçã*, febre *quartã*, febres *sezões* (de 3 em 3, de 4 em 4 dias); melhormente de *sazão* (estação) sob influxo de *seis*.

Não obstante, existem varias fórmãs com a terminação *ena*: *novena*, *trezena*, *quinzena*, *vintena*, *centena*, *dezena*, *quarentena*, etc., que são substantivos. E tambem se empregavam *onzeno* por *undecimo* ou *decimo primeiro* e *dozeno*.

Entre os numerães convém notar os MULTIPLICATIVOS; são substantivos que representam o numero de vezes da unidade:

<i>Simple</i>	— 1 vez.
<i>Dobro, duplo</i>	— 2 vezes.
<i>Tresdobro, triplo</i>	— 3 vezes.
<i>Multiplo</i>	— muitas vezes (1).

E tambem os modos de dizer: *dous tantos*, *tres tantos*, *outros tantos*. No *Graal* (17) já se encontra:

dous tantos mais claro.

A fórmula *ambos* indica a dualidade natural ou habitual: *ambas* as mãos, as mãos *ambas*; os *dous ambos* (no italiano, *ambidue*). *Ambos de dous*: é locução classica, usada uma vez em *Camões*,

“De *ambos de dous* a fronte coroada.

(1) *Simple* — *sine plice*, sem dobra: *duplex*, dobrado em *dous*, etc. A palavra *simple*, porém, perdeu o sentido etymologico; e com esse significado emprega-se *single*, por opposição a *duplo* ou *multiplo* ou *ornado*

Algumas vezes os numeraes são substituidos por substantivos collectivos: *par* = 2; *duzia* = 12; *groza* = 12 × 12.

Em composição, notam-se no portuguez frequentemente, nos vocabulos eruditos, os numeros gregos: *penete*, *deca*, *myria*, *hecto*, (hecaton), correspondentes a 5, 10, 10.000, 100; e varios outros. Exemplos: *pentagono* (cinco angulos), *hectometro* (cem metros). Os numeraes italianos subsistem nos termos *duetto*, *duo*, *trio*, *tercetto*, *quartetto*, *quatuor*, *quintetto*.

O numeral arabe *ar-rub* (a 4.^a parte) subsiste na palavra *arroba*, Arroba é a 4.^a parte do quintal, unidade antiga.



N. B. — Notemos desde já entre os qualificativos: os derivados de verbos (*amante*, *ardente*, *lisongeador*); os derivados de substantivos (*braçal*, *trabalhoso*); os derivados de outros qualificativos (*romanico*), *hellenico*, *eternal*); e os derivados de adverbio: *hodierno* (*hodie*, hoje), ou de particula: *anterior*, *contrario*, *postumo*.

Nos lugares proprios volveremos a estudar essas diferentes especies.

O grammatico Adriano Grivet que viveu entre nós e escreveu uma muito apreciada *Grammatica Analytica* adopta entre os determinativos e pronomes a classificação em dois grupos, o de *instaveis* ou *estaveis*, distincção que lhe pareceu indispensavel: os *instaveis* são os que variam de forma, *este*, *seus*, *elle*, *aquelle*, etc. e *estaveis* os que conservam perpetuamente a mesma forma: *alguem*, *ninguem*, *isto*, *aquillo*, *tudo*, *se*.

Essa distincção, embora cabivel, tem o defeito de separar palavras congenitas como *ninguem* e *nenhum*, *este* e *isto*, *tudo* e *todo*. A variabilidade não é um caracter de grande importancia.



IV

Quarta classe. Pronomes

Pronome é a palavra que lembra o nome, em relação á sua pessoa grammatical.

Embora, a especie — *pronome* — possa applicar-se como o tem sido aos adjectivos relativos ou conjunctivos, demonstrativos e interrogativos, entretanto neste capitulo só consideramos os *pronomes pessoas*. Veja-se o que dissemos no capitulo anterior.

A pessoa grammatical consiste na posição que representa uma pessoa ou cousa no dialogo ou no discurso. O pronome é, como disse um philologo, uma designação *subjectiva* que suppre a designação definida de qualquer cousa, e esse modo de ver estende-se a todos os *determinativos*. "Todos os pronomes têm por função situar cousas e pessoas no tempo ou no espaço; parecem deixar subentender um gesto, e, se a expressão não fosse paradoxal, poder-se-ia chamal-os *gestos faluões*" (Darmesteter).

Ha tres pessoas grammaticaes. A *primeira*, que é a pessoa que fala: *eu, nós*. A *segunda*, que é a pessoa a quem se fala: *tu, vós*. A *terceira*, que é a pessoa ou cousa de quem se fala: *elle, ella*, etc.

No portuguez, a *terceira pessoa* é usada pela segunda grammatical nas expressões: *Você, o Senhor, V. Mercê*, etc., proprias do dialogo ou do estylo epistolar.

O pronome é um simples determinativo. Quando digo: *livro* — este ser apparece á mente com todos os seus attributos. O pronome *elle*, porém, póde designar qualquer individuo independentemente dos attributos.

Os pronomes pessoaes conservam os vestígios da declinação que tinham no latim; d'ahi, as *variações* que soffrem em todas as pessoas: *eu, me, mim*, etc.

Primeira pessoa

S. Nominativo	— <i>Eu</i>	— no latim	<i>ego</i>
Dativo	— <i>Mim, mi</i>	—	<i>mihi</i>
Accusativo	— <i>M'e</i>	—	<i>me</i>
Ablativo	— <i>Com-migo</i>	—	<i>mecum</i>
P. Nominativo	— <i>Nós</i>	—	<i>nos</i>
Accusativo	— <i>Nos</i>	—	<i>nos</i>
Ablativo	— <i>Com-nosco</i>	—	<i>noscum</i>

A fôrma antiga do dativo era *mi*; e a^d do ablativo, *comego*.

Nos ablativos da 1.^a e 2.^a pessoas notaremos a anteposição pleonastica da preposição *com*, nas fôrmas: *commigo*, derivadas de *cum-mecum*, *cum-tecum* (ant. *meço, migo, co meço*).

Segunda pessoa

S. Nominativo	— <i>Tu</i>	— no latim	<i>tu</i>
Dativo	— <i>Ti</i>	—	<i>tibi</i>
Accusativo	— <i>Te</i>	—	<i>te</i>
Ablativo	— <i>Com-tigo</i>	—	<i>tecum</i>
P. Nominativo	— <i>Vós</i>	—	<i>vos</i>
Accusativo	— <i>Vos</i>	—	<i>vos</i> (ant. <i>vus</i>)
Ablativo	— <i>Com-vosco</i>	—	<i>voscum</i>

NOTA. — As fôrmas *noscum*, *voscum*, são contraídas de *nobiscum*, *vobiscum*. Esta segunda pessoa tem dous radicaes, *tu* e *vos*, dos quaes se originam as variações ou vestígios de casos. Formas antigas: *nosco*, *vosco*, *vusco*.

Terceira pessoa

S. Nominativo	— <i>El, elle, ella</i>	—	<i>ille, illa</i>
Dativo	— <i>Lhe</i>	—	<i>illi</i>
Accusativo	— <i>Lo, la, o, a</i>	—	<i>illum, am</i>

P. Nominativo	— <i>Elles</i>	— <i>illi</i>
Dativo	— <i>Lhes</i> (lhe)	— <i>illis</i>
Accusativo	— <i>Los, las, os, as</i>	— <i>illos, as.</i>

NOTA. — Este pronome só tem um radical no latim, mas produziu tres classes de palavras no portuguez:

1.º O pronome *elle*, com suas variantes.

2.º O artigo, *o, a*, vestigio do accusativo (*illum*), cujas fórmas antigas foram *lo, la*, que ainda são conservadas por euphonia em alguns casos: *amal-o, vol-o*, etc.

3.º O artigo *el*, que existiu commummente no castelhana, no portuguez antigo e é só usado na expressão *El-Rei* e no vocabulo espanhol *el-dorado*, formas castelhanas; não é usado como pronome pessoal. Encontra-se, mas raro, apposto a um alto titulo: *el-duque, el-conde*.

Notemos ainda que o accusativo (*me, te, vos*) no portuguez tambem exerce funcção de dativo (*deu-me, dedit mihi*, deu a mim) na primeira e na segunda pessoa. Por isso talvez se estendeu a mesma analogia á terceira pessoa, dizendo-se *vi-lhe*, por *vio-o*; este uso, aliás antigo, já se encontra até o seculo XV; mas não deve ser imitado, pois não tem authorização dos melhores classicos, a não ser em um ou outro exemplo duvidoso.

E' usual no Brasil: *vi elle, encontre elle* — modos de dizer archaicos como se vê de exemplos da era ante-classica, nos documentos dos seculos XIII a XV, facto hoje reconhecido pelos proprios philologos portuguezes. Veja a — *Syntaxe*.

Ha ainda a fórma da terceira pessoa pronominal denominada *pessoa reflexiva*, que é a que ocorre no discurso indicando relação de identidade com o sujeito. Esta pessoa é determinada pelos accusativos das duas primeiras, *me, te*, e por uma fórma *se*. As fórmas *me* e *te*, já são conhecidas; aqui daremos o paradigma da fórma *se*:

Dativo	— <i>Si</i>	— <i>sibi</i>
Accusativo	— <i>Se</i>	— <i>se</i>
Ablativo	— <i>com-sigo</i>	— <i>cum-secum</i>

Já vimos que muitas palavras, como os determinativos (V: a lição precedente) *indefinidos*, *possessivos*, podem exercer a função de pronomes:

Quem aqui escreve, afirma.

— Eu affirmo, etc.

Todas as locuções d'esta especie devem ser denominadas *equivalentes logicos do pronome*.

— Tambem possuímos as fórmãs emphaticas *nós outros*, *vós outros*, quando nos apraz distinguir um grupo de pessoas de outro ou quando affirmamos as ditas pessoas com emphase. No espanhol *nosotros* e *vosotros* são as pessoas normaes, ao passo que *nos* e *vos* formas antigas ou poeticas.

Fórmãs antigas. — 1.^a O pronome *Eu* teve varias fórmãs: *eu*, *ei*, *Geu* em nanjeu = não + já + eu (Leile de Vasconcellos).

Variações — nos, *nus*;
me, *mi*;
migo, *nosco*.

2.^a A variação *te* apparece algumas vezes no portuguez antigo com a fórmula *che, xe*: *bem che quero. Mais vale um aveche que dous che darei*. E' o chamado *dativo ethico*. A fórmula *vosco* precede a *comvosco*.

3.^a As fórmãs *le, li, lhe*, como *se*, uniam-se a outras palavras, como *enlhe, nelhe*. O *se* tem exemplos da fórmula *ge*, a crêr no que afirma Viterbo. (II, 19) e frequentemente *xe* nos Cancioneiros antigos.

No dialecto indo-portuguez, os pronomes estão sempre aglutinados á palavra *outro*, no plural: *ellesoutro, nosoutro*, (*Ellesoutro tinha nó* — Elles estavam nós. — *Biblia de Ceylão Gen. II*).

Pronomes adverbiaes archaicos do portuguez, eram:

1.^o *Ende* (no francez *en*, Canc. da Vat. 1195).

E poys *end'as* novas saber
Tambem pos'eu

(E tambem posso saber as noticias d'elle).

2.º O pronome Y, no francez *y*, existiu durante muitos seculos, notavelmente com a fórma *hi*. Confunde-se com o adverbio:

... veno a vos senhor
Que me digades que farei eu y.

(*Trovas e cant.* 259).

Póde ser interpretado como adverbio (tanto no portuguez como no francez; como no italiano *ci* e *vi*).

A formula mais vulgar do *tratamento* é a terceira pessoa representada por

Vossa Excellencia (vossencia)
Vossa senhoria
Vossa Mercê
Você

A primeira é muito usual, com alguma cerimonia. *Você* que provem de *Vossa mercê*, *Vosmecê* é de uso mais intimo e familiar.

O tratamento por *vós* (em Portugal na Beira, no Brasil em S. Paulo e outros lugares do interior) tambem é de uso regional. E' mais uma forma litteraria que popular.

V

Quinta classe — Verbos e suas especies

Verbo é a palavra pela qual póde uma acção, estado ou qualidade ser attribuida a um ser.

Este ser é o *sujeito* do verbo. As relações de estado ou acção devem ser naturalmente numerosas, e o seu conjuncto constitue a *conjugação* (1).

A difficuldade de definir o verbo tem feito com que alguns grammaticos o caracterizem como sendo a *palavra que denota o predicado*, circumloquio obscuro e incomprehensivel como idéa preliminar, mas acceptavel se tivermos de iniciar o estudo da grammatica pela *proposição* e seus termos essenciaes.

Conjugação é o systema de todas as variações do verbo. As variações do verbo são mais ou menos uniformes e obedecem a quatro modelos ou *paradigmas*, que terminam em *ar, er, ir, or*, no infinito; taes são: *amar, receber, punir, pôr*.

A quarta conjugação em *or*, é composta do verbo *pôr* e seus derivados; é uma conjugação contraída da segunda em *er*. A antiga fórma de *por* era *poer*.

(1) Convém lembrar, que materialmente o verbo divide-se em duas partes: o *radical*, que representa a idéa principal, e a *desinencia*, que é sempre variavel e exprime a idéa accessoria. Em *am-ar, receb-er*, as partes *am, receb*, são os radicaes ou themas.

Verbos irregulares são os que se afastam dos respectivos modelos de conjugação.

Historicamente, os irregulares são os que conservam a maior regularidade, isto é, conservam pela filiação histórica as formas latinas de onde se originaram. Assim, o presente *venho* do verbo *vir*, é regularíssimo, se atendermos á origem latina: *venio*.

Também se definem VERBOS IRREGULARES, os em que o radical ou thema varia: *dorm-ir*, *durm-o*.

Esta definição é pouco aceitável; no verbo *vir* o radical é a letra *v*, que existe em todos os tempos, embora o verbo *vir* seja irregular. A irregularidade do verbo tem que vêr com os radicacs ou themas.

Na conjugação do verbo notam-se as seguintes circumstancias.

1. O modo. — A acção ou estado podem ser indicados como certos, incertos, suppostos ou obrigatórios.

D'ahi, a idéa de MODO e suas divisões. O MODO é, pois, a qualidade, o *como* da affirmação: *se eu quizesse; querias; quero, quizera*. Os modos são das seguintes especies:

Indicativo. — E' o que indica a *realidade* da acção ou estado, qualquer que seja o momento: *amo, não vieste, amei, amarei*.

Imperativo. — E' o que indica acção ou estado ordenado ou pedido: *vae, perdoae*.

Subjunctivo. — E' o que indica incerteza, duvida, supposição: *se trabalhasses; quando trabalhares*.

Condicional. — E' o modo de indicar a affirmação, dependente de uma condição não realzada: *eu faria, amaria, louvaria*.

Nas linguas primitivas, os *tempos* são mais importantes que os *modos*. Nas linguas modernas, os limites dos modos não são bastante definidos, e o *condicional* é uma maneira média e commum ao indicativo e ao subjunctivo. As linguas romanas criaram o modo *condicional*, que não existia discriminadamente no latim. Poder-se-ia supprimir o *condicional* d'entre os *modos*, mas havia que classifical-o entre os *tempos*; sem vantagem, por que a *condição* é mais um conceito de modo do que de época ou momento da acção.

2. Os tempos. — A acção ou o estado realizam-se em diversas epochas. O *tempo* é a variação que indica a epocha da acção ou do estado. Os tempos são, em rigor, tres:

O preterito. — Indica o momento passado: *amava, amou, viesse*.

O presente. — Indica o momento supposto actual ou verdadeiramente actual: *amo*.

O futuro. — Indica o tempo por vir: *cantarei*; quando eu *vier*.

Todos os *tempos* são *simples*, quando constam de um só vocabulo: *leio, li*; são, porém, *compostos*, quando são representados por mais de um vocabulo: *estou lendo, tenho lido, tivesse lido*.

As linguas romanas perderam alguns dos tempos latinos (o futuro do indicativo *cantabo*, o imperfeito do subjunctivo *cantarem* (que se mudou em *infinito pessoal*, conforme veremos no lugar proprio) e muitas fórmas infinitivas), e criaram tempos novos os futuros em *ei* (de *hei*, haver) e grande numero de tempos compostos de toda a sorte.

Pensam alguns que o chamado infinito pessoal do portuguez é o imperfeito do subjunctivo latino, hypothese que não repugna quanto ás leis phoneticas, mas obscura quando se attende ao sentido. E' certo que o sentido podia variar, mas não é necessario imaginar gratuitamente essa variação. O infinito pessoal não se distingue do infinito nem pela fórma

nem pela idéa; só o uso diverge e ainda assim esse uso é hesitante e indeterminado. Mais valeria explicá-lo pela euphonia e necessidade de clareza, comtudo, os ultimos resultados da philologia comparativa tornam indubitavel a origem do infinito pessoal derivado do imperfeito do subjunctivo.

3. Pessoa. — E' a variação que indica a pessoa grammatical do sujeito: *am-as* (tu), *am-ae* (vós).

4. Numero. — E' a variação que indica ao mesmo tempo a pessoa, a unidade d'esta ou a sua pluralidade: *ama*, *amaste* (singular), *amaram*, *amastes* (plural.)

Existe um verbo unico que não tem idéa attributiva, isto é, o attributo vem d'elle sempre separado, e este verbo apenas exprime a *existencia* em absoluto. E' o chamado verbo *substantivo*: *ser* (1).

Todos os outros verbos são *attributivos*, isto é, encerram uma idéa predicativa do sujeito.

— **Transitivos.** — São aquelles que têm complemento no qual se emprega *directamente* a acção predicativa: *amo a virtude*.

Chama-se *transitivo relativo* o que tem dois objectos: *dei-lhe um livro*.

(1) Tambem chamado *verbo abstracto*, *verbo absoluto*. Comtudo ha sempre um resquicio de acção transitiva no verbo *ser*, pois que doutra forma não se comprehenderiam construcções como esta: Julio foi um heroe mas Antonio não o foi.

O pronome — *o* — não pode deixar de ser objecto; seria absurdo considerá-lo um nominativo.

— **Intransitivos.** — São os que exprimem predicação por si só completa ou com complemento indirecto: *durmo; vou a Roma.*

Todos os *transitivos* ou *intransitivos* podem entre si mudar de categoria. Por esta virtualidade immanente a toda a acção, é possível dizer-se: *chorei lagrimas*, ou, de modo absoluto: *escrevo*, isto é, *sei escrever; leio, sei ler.*

As diversas maneiras de ser do sujeito indicam as vozes do verbo.

Voz passiva. — E' aquella em que o sujeito soffre a acção: *sou amado.*

Voz activa. — E' aquella em que o sujeito é o agente da acção: *eu amo.*

Voz reflexa. — E' aquella em que o sujeito exerce a acção, ao mesmo tempo que esta reverte ao sujeito: *eu me enganei; tu te voltaste.*

Havia, além d'estas vozes, a *depoente*, no latim: *admirari, mori, sequi*, que se foram tornando em *admirare, morire, sequere*, etc. No portuguez, só alguns participios têm o valor de depoentes: *calado, agradecido, viajado* (que agradece, que viaja ou viajou, etc.).

O sentido *passivo* pode existir sob fórmulas activas: o pecego *sabe* muito bem.

Tambem a *passiva* perdeu as fórmulas simples nas linguas modernas e forma-se com o auxiliar *ser*, ou, em certos casos, com o pronome *se*, conforme analysaremos na syntaxe. Notaremos no mesmo logar que muitas vezes a voz activa tem o valor da passiva (E' de *crer* que = é de *crer-se* que...).

Os verbos que vêm, não casualmente, mas sempre, com os dous pronomes, chamam-se **pronominaes**: *eu me arrependo; arrepende-se.*

Defectivos ou impessoaes. — São verbos a quem faltam alguns tempos ou pessoas da conjugação: *chove, troveja*.

A omissão de flexões dos defectivos explica-se geralmente pela impossibilidade que têm a 1.^a e 2.^a pessoas de receberem certas attribuições. Não se pôde dizer: *eu trovejo, tu nevas*, a não ser em sentido figurado. Succede tambem que a euphonia rejeita certas fórmãs, como: *eu abulo* ou *abolo*, do verbo *abolir*; ou *eu coloro*, de *colorir*. Outras vezes, o caracter de *impessoal* é momentaneo, como em *haver*, apenas *impessoal* em determinado uso e emprego.

Verbos inchoativos — (frequentativos e reiterativos). Expressam a acção prolongada ou repetida: *florescer, esmorecer* (morrer), *branquejar, passear* (passar), *agitar* (agir), *saltitar* (saltar), etc.

Propriamente são *inchoativos* os que indicam acção começada e incompleta: *embranquecer, crescer, revivescer* (em geral não tinham, pela maior parte, supino); *frequentativos* são os que multiplicam ou reiteram a acção: *pipilar, saltitar*.

Derivados verbaes. — São tres:

O INFINITO. — E' o derivado verbal equivalente ao *substantivo*: *amar, viver, rir-se*, etc. Termina em *r*.

O PARTICÍPIO. — E' o derivado verbal equivalente ao *adjectivo*: *amado, lido, amante*, etc. Termina em *do* ou *te* (1). Considera-se *supino* quando invariavel e em composição: tenho *amado*.

(1) O *participio* pôde ser do passado, *amado*; do presente, *amanté*. E alguns ha do futuro, em *ouro* ou *eiro*: *vindouro, mandareira*.

O GERÚNDIO É o derivado verbal equivalente ao adverbio: *amando, vivendo*, etc. Termina sempre em *ando, endo, indo* ou *ondo*.

Locução verbal. — É o verbo composto de dous elementos: *ter andado, ir andando*, etc. A conjugação respectiva denomina-se CONJUGAÇÃO PERIPHRASTICA.

A impossibilidade de definir sufficientemente o *verbo*, resulta de que toda a definição é uma locução substantiva, e nenhum substantivo pôde manter equipolencia com o verbo. De sorte que a definição mais clara seria: "Verbo é a palavra que significa *ser, estar* ou *fazer* qualquer coisa". (Cf. Flores, *Gram. esp.*).

Outras noções essenciaes encontram-se na morphologia e syntaxe.

VI

Palavras invariáveis (6.^a, 7.^a e 8.^a classes)

As *palavras invariáveis*, communmente chamadas *partículas*, distribuem-se por quatro *classes*: os *advérbios*, as *preposições*, as *conjunções* e as *interjeições*. Exceptas estas ultimas, que são verdadeiras phrases, as demais são palavras que exprimem relação. E' util considerar que, se a *interjeição* representa por si um juizo, o advérbio representa um fragmento completo d'elle, isto é, um talho de phrase, aquillo que se chama por vezes *complemento* ou cousa equivalente: *neste lugar* é o equivalente de *aqui*; *nesta hora presente* — agora (*hac hora*).

1.

Advérbio — é a palavra que exprime qualquer circumstancia da acção ou da qualidade: *hoje* escreverei; *grandemente* sabio; *muito* ligeiramente (1).

(1) Dizer que "advérbio é a palavra que modifica o adjectivo, ou outro advérbio" é um erro, é uma espécie de círculo vicioso. Se eu não sei o que é *advérbio*, como é que me dizem "ser a palavra que modifica o advérbio"? E não poderá o advérbio modificar o nome substantivo e o pronome? Sem dúvida que sim. Se disséssemos "deus é só bom" ou "deus — só é bom", afirmaríamos loucamente que Deus só tinha uma qualidade, a da bondade. Quando, porém, dizemos "só Deus é bom"